

Retomava a linha que a engrandecera nos tempos da Regência — e por isso foi asperamente negada, amesquinhada, omitida, e continua a sê-lo, pela historiografia oficial. Mas era a linha historicamente necessária, aquela que se conjugava com o avanço do país, que estava em consonância com os seus mais altos interesses, os interesses populares, e se desenvolvia no nível que as possibilidades permitiam. Tratava-se de liquidar o escravismo, inteiramente obsoleto, obstáculo ao desenvolvimento material e cultural do país, e de destruir a monarquia, que era a sua roupagem institucional. A imprensa era, por isso, abolicionista e republicana, pelos seus melhores jornais, pelos seus melhores jornalistas.

Joaquim Nabuco fixou bem essa frase: “Dentre aqueles com que mais intimamente lidei, em 1879 e 1880, e que formavam comigo um grupo homogêneo, a nossa pequena igreja, as figuras principais eram André Rebouças, Gusmão Lobo e Joaquim Serra. . . A igreja fronteira era a de José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Vicente de Sousa, Nicolau Moreira, depois João Clapp com a Confederação Abolicionista. Se eu estivesse escrevendo neste momento um esboço do movimento abolicionista de 1879-1888, já teria citado Jerônimo Sodré, que foi quem pronunciou o *fiat*, e passaria a citar os meus companheiros de Câmara Manuel Pedro, Correia Rabelo, S. de Barros Pimentel, e outros, porque o movimento começou na Câmara de 1879, e não, como se tem dito, na *Gazeta da Tarde*, de Ferreira de Menezes, que é de 1880, nem na *Gazeta de Notícias*, onde então José do Patrocínio escrevendo na “Semana Política”, não fazia senão nos apoiar e ainda não adivinhava a sua missão. De certo pelos escravos já vinham trabalhando Luís Gama e outros, mesmo antes da lei de 1871, como trabalharam todos os colaboradores dessa lei; mas o movimento abolicionista de 1879 a 1888 é um movimento que tem o seu eixo próprio, sua formação distinta, e cujo princípio, marcha, velocidade, são fáceis de verificar; é um sistema fluvial do qual se conhecem as nascentes, o volume d’água e valor de cada tributário, as quedas, os *rápidos*, o estuário, e esse movimento começa, fora de toda dúvida, com o pronunciamento de Jerônimo Sodré, em 1879, na Câmara”(157).

Na imprensa, destacava-se a figura verdadeiramente apostolar de Joaquim Serra, aquele cuja pena equivalia ao lápis de Ângelo Agostini, pela eficácia e pelo brilho. Lutador incansável pelo abolicionismo, Serra foi obrigado, em 1884, a deixar a *Folha Nova*, por exigência dos escravocratas(158). Respeitado pelos seus contemporâneos como mestre do jornalis-

(157) Joaquim Nabuco: *Minha Formação*, S. Paulo, 1934, pág. 197.

(158) Foi na *Folha Nova* que Aluísio Azevedo publicou, em folhetim, em 1883, o romance